

PROPOSTA Nº 85/2010/CM

Atribuição de Topónimos

Considerando:

- A necessidade imperiosa de se organizarem as designações dos arruamentos da cidade;
- Tendo presente as sugestões da Comissão Municipal de Toponímia;

Assim, tenho a honra de propor que a Câmara Municipal delibere:

1 – Atribuir os seguintes topónimos nas localizações em anexo assinaladas:

Rua António Neves Anacleto

Rua Maria Archer

Rua Joaquim da Cruz Azevedo

Rua António Vicente Campinas

Rua Agostinho Ferreira Chaves

Rua Luís Mascarenhas

Rua Ludovico de Menezes

Rua Arthur Águedo Miranda

Rua Mateus Moreno,

Rua Eduardo dos Santos Vieira

Rua João Franco Pereira de Matos

Rua Dr. May Vianna

Rua Vergílio Ferreira



Gabinete da Presidência

Rua D. Paio Peres Correia

Rua António Henrique Balté

Rua José Ramos Bandeira

Rua Salazar Moscoso

Rua João Franco Pereira de Matos

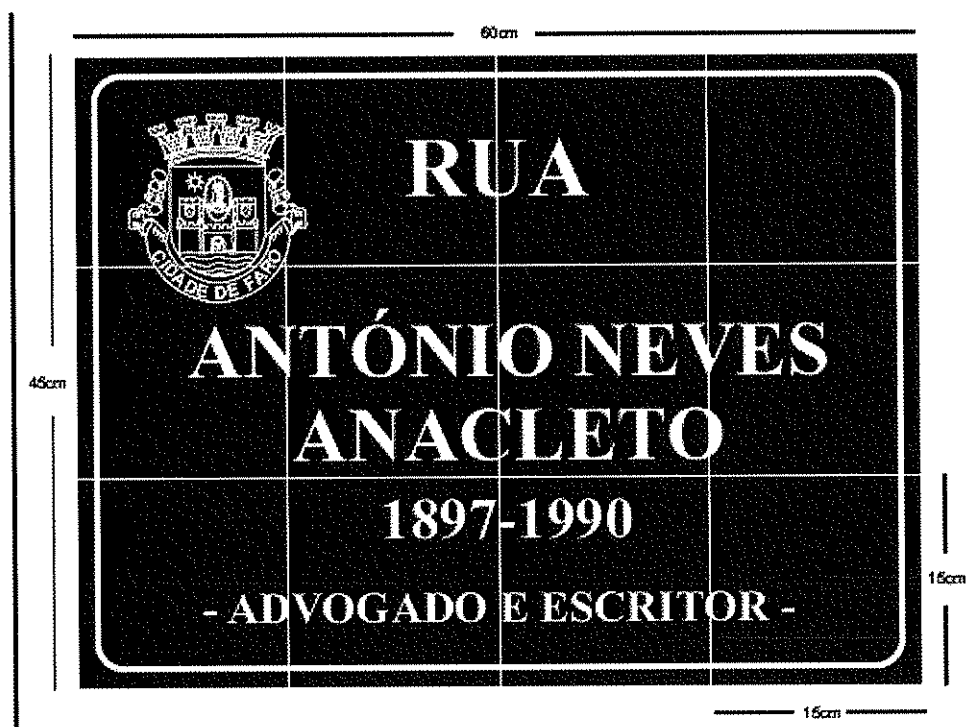
Paços do Concelho, 8 de Abril de 2010

O Presidente da Câmara,

José Macário Correia

Índice

Rua António Neves Anacleto.....	1
Rua Maria Archer	4
Praceta Joaquim da Cruz Azevedo.....	6
Rua António Vicente Campinas.....	9
Praceta Agostinho Ferreira Chaves.....	11
Rua Luís Mascarenhas.....	14
Rua Ludovico Castano de Menezes.....	16
Rua Arthur Águedo Miranda.....	18
Rua Mateus Moreno.....	20
Rua Eduardo dos Santos Vieira.....	23
Rua João Franco Pereira de Matos.....	25
Rua Dr. May Vianna.....	28
Rua Vergílio Ferreira.....	31
Praceta D. Paio Peres Correia.....	34
Rua António Balté Henrique.....	37
Rua José Ramos Bandeira.....	40
Rua Bartolomeu Salazar Moscoso.....	43
Rua João Franco pereira de Matos	46



Rua António Neves Anacleto

Nota Biográfica:

Advogado, político e escritor, nasceu no sítio da Amorosa, freguesia de São Bartolomeu de Messines, a 8-2-1897 e faleceu em Lisboa a 25-2-1990.

Quase adulto era ainda analfabeto, mas dedicando-se ao estudo habilitou-se aos exames da instrução primária, do curso liceal e depois da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, onde se formou em 1926.

Editou, em 1920, o quinzenário estudantil «Alma Académica», órgão da academia do Liceu de Faro, após o que fundou e dirigiu o quinzenário anarquista «A Ideia», e dez anos depois tomou a ser cargo o semanário «Alma Algarvia», que se havia fundado a 7-11-1926 na vila de Loulé e que em Faro fez reatar com a veemência e frontalidade que lhe era peculiar.

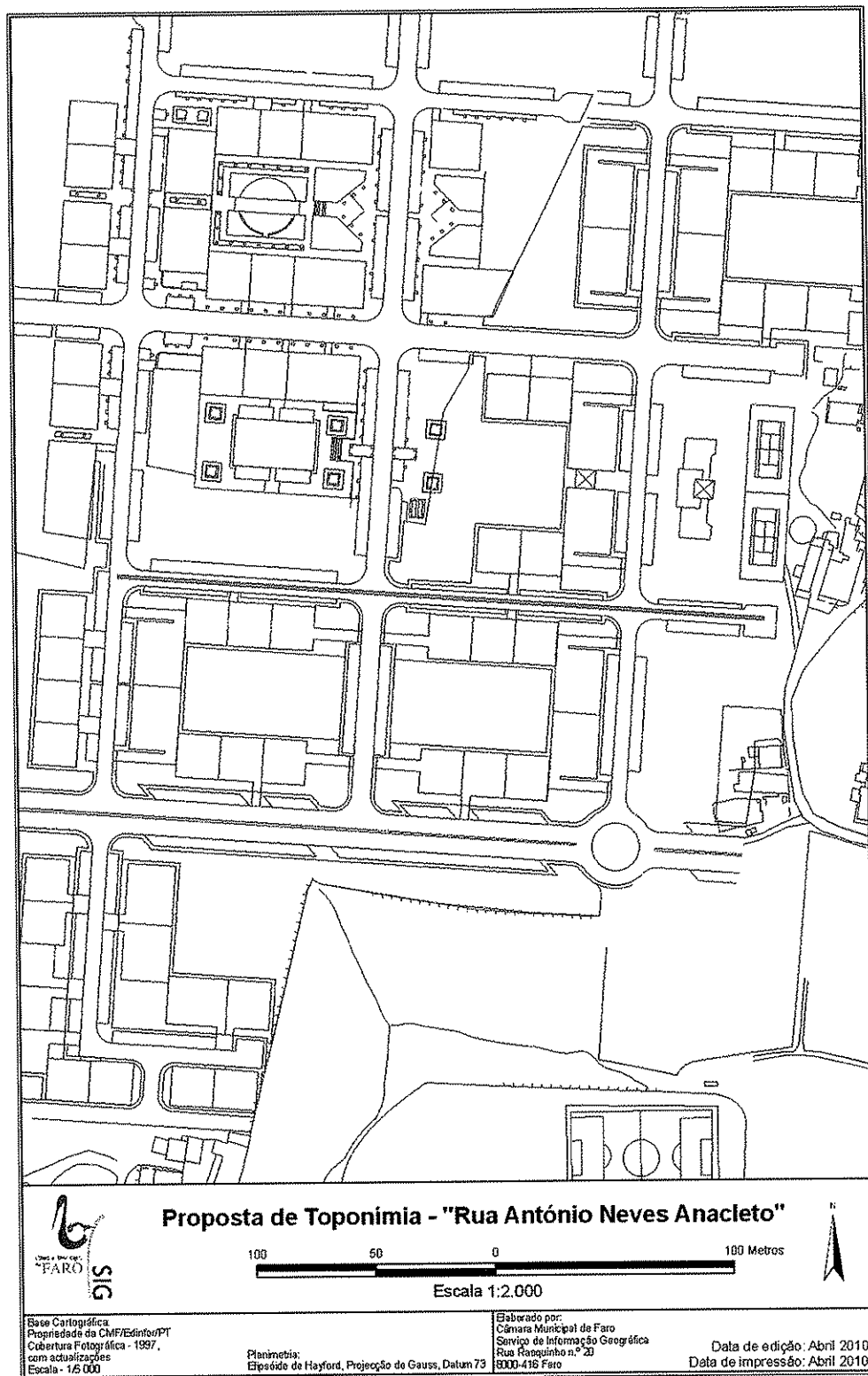
Adepto das ideias anarquistas esteve por várias vezes preso, acabando por ser deportado para Moçambique onde exerceu a advocacia. Grande parte dos seus proventos financeiros investiu-os na cidade de Faro, no sector imobiliário, chegando a ser um dos principais proprietários da Av. 5 de Outubro.

Com o «25 de Abril» e a conseqüente a descolonização retornou à pátria fixando-se em Lisboa onde permaneceu até à morte.

O Dr. Francisco Sá Carneiro convidou para figurar nas listas do PPD ao parlamento, para o qual foi eleito por Lisboa.



Colaborou em vários jornais diários, demonstrando-se desencantado com o andamento da política nacional. Publicou vários livros de entre os quais destacamos, pela sua polémica feição, apenas os últimos: A Inventona do 28 de Setembro (Quem a fez?), Lisboa, 1976, e O Traidor Otelo, Lisboa, 1976. Mas a sua obra mais notável é ao fim e ao cabo o seu próprio livro de memórias que tem por título A Minha Longa Luta - preso algemado e deportado, Lisboa, 1975.



W



Rua Maria Archer

Nota Biográfica:

Escritora, nasceu em 1899 na cidade de Lisboa e aí faleceu em 1982.

Partiu muito jovem para Moçambique, vivendo depois em diferentes regiões de África até meados da década de trinta do século passado.

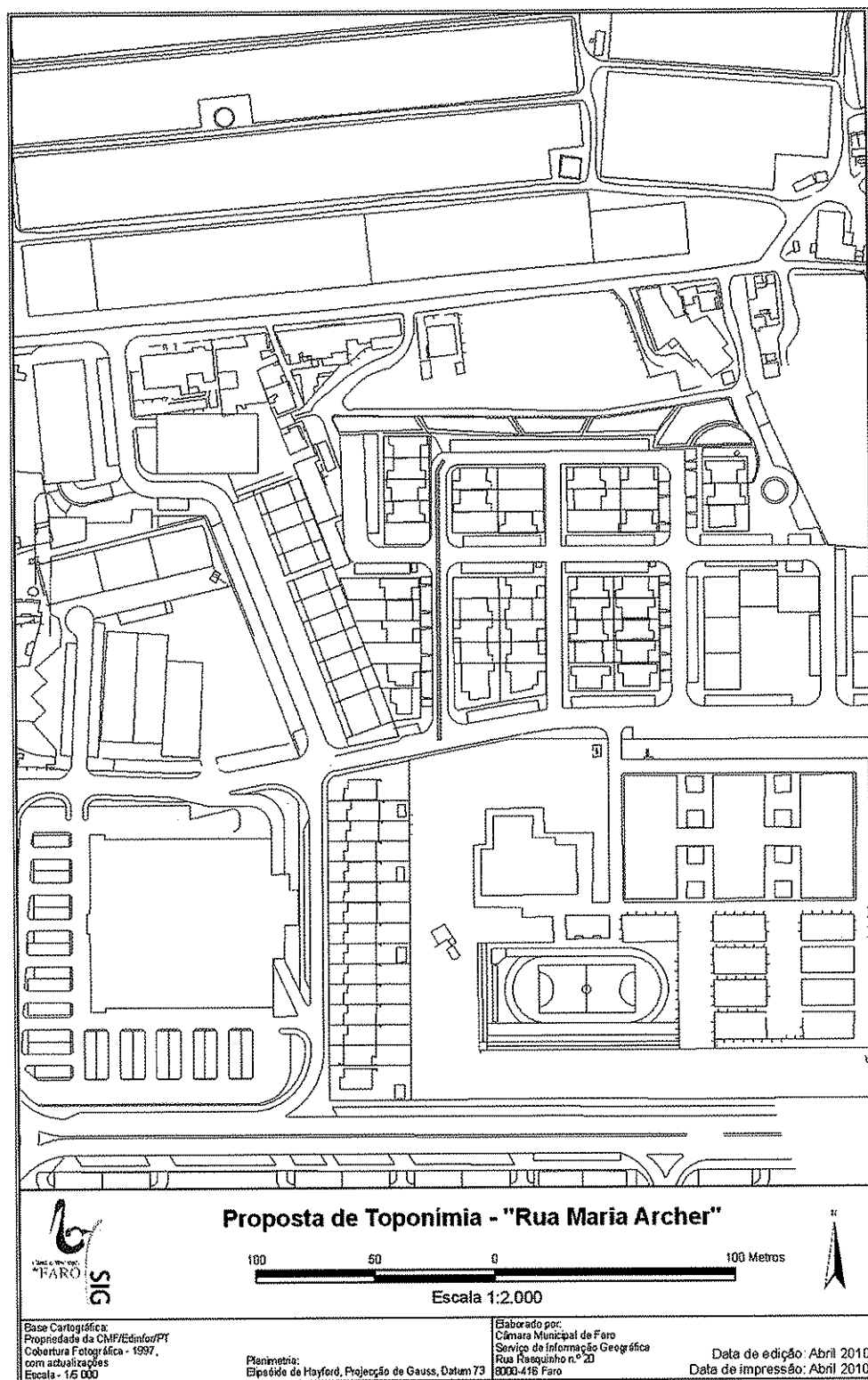
Iniciou a sua carreira literária nas colunas da imprensa moçambicana, mas no continente estreou-se nos semanários «O Algarvio» e o «Correio do Sul», ambos de Faro.

Em 1943 colaborou na revista luso-francesa «Afinidades», que então se editava em Faro, tendo como director o Dr. Francisco Fernandes Lopes. Foi a última vez que regressou ao convívio da imprensa algarvia, na qual se terá estreado nas letras pátrias.

Nos anos trinta do século passado Maria Archer viveu em Faro, onde se destacou pela sua beleza e elegância. Frequentou o Clube Fareense, à época o centro da moda e da burguesia fareense. Maria Archer, tinha fama de ser a mulher mais bonita, e pelo menos, a mais cosmopolita de Faro. Aqui casou e viveu durante três anos até que partiu sozinha para Lisboa, a fim de lançar a sua carreira literária.

Publicou em livro várias novelas, romances e livros de viagens, alguns dos quais lhe valeram honrosas distinções, mercê da divulgação que neles se fazia da diversidade antropológica da África portuguesa.

Handwritten signature





Rua Joaquim da Cruz Azevedo,

Nota Biográfica:

Jornalista e professor primário, Joaquim da Cruz Azevedo, nasceu em 1890 em Alcantarilha e faleceu em Olhão em 1983.

Foi professor do ensino primário e fervoroso admirador do poeta João de Deus, a ele se devendo o monumento que àquele vate se ergueu no Jardim Manuel Bivar em Faro.

Depois de ter residido durante largos anos em Faro, transferiu-se para Olhão onde igualmente se lhe ficaram a dever várias iniciativas de vulto.

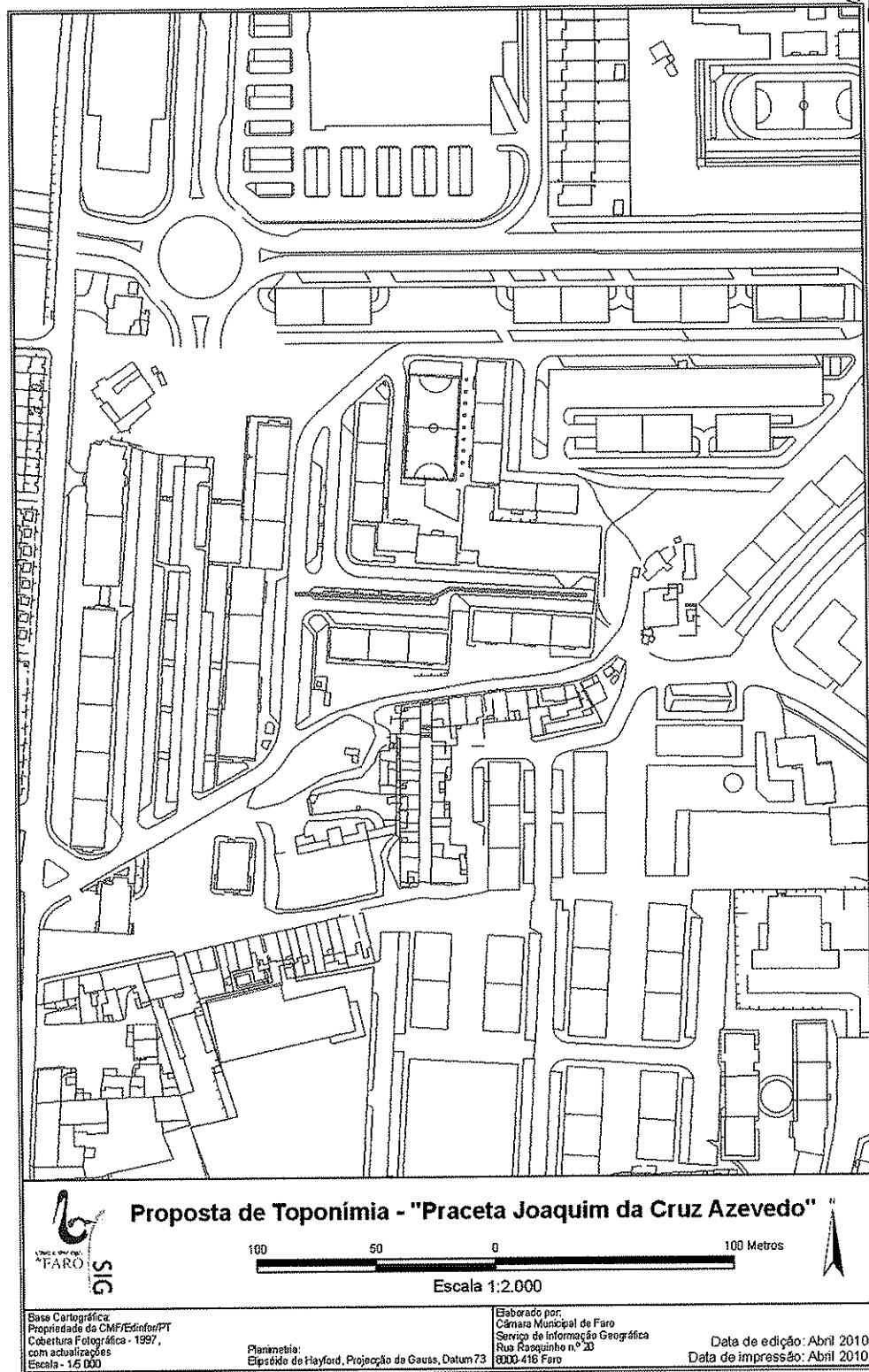
Como jornalista destacou-se especialmente através da edição de números únicos e da publicação de vários títulos, infelizmente de efémera existência. Neste caso estão os semanários «O Luzitano», «O Moralista», as revistas «O Nosso Algarve», «Álbum do Algarve» e os números únicos «Os Algarvios a João de Deus», «D. Francisco Gomes do Avelar», «Chaby», «Algarve» e «Álbum Postal» (dedicado aos 80 anos do poeta Cândido Guerreiro).

Foi redactor regional dos diários «O Século» e «O Comércio do Porto», nos quais pugnou pelo incremento turístico do Algarve.

A sua apetência pela investigação criminal tornou-o num precioso auxiliar da polícia que assim conseguiu desvelar vários crimes ocorridos no Algarve. Falsificadores de moeda, burlões de seguros e criminosos de sangue, foram alvos da sua atenção e

sobretudo das suas imbricadas crónicas publicadas no «Século», reveladoras de um jornalismo de investigação que não teve seguidores no Algarve.

A handwritten signature in black ink, consisting of stylized, flowing letters that appear to be 'M' and 'A'.





Rua António Vicente Campinas,

Nota Biográfica:

Escritor, poeta, e jornalista, nasceu em 1911, em Vila Real de Santo António, e aí faleceu em 1998.

Autodidacta, possuía apenas o exame de admissão ao Liceu, tornou-se num dos escritores mais apreciados do seu tempo.

Aos dezanove anos, tornou-se director do «Jornal de Cinema», e 1939, fundou o semanário «Foz do Guadiana», de que foi director-editor.

Foi guarda-livros em várias firmas, e depois comerciante, com uma livraria e papelaria, estabelecida durante 25 anos em Vila Real de Santo António, e depois em Faro, na Rua de Santo António, onde esteve dois anos. Nesta cidade publicou, em 1957, um livro de crónicas e poesias dedicado a Faro, intitulado Recantos Farenenses.

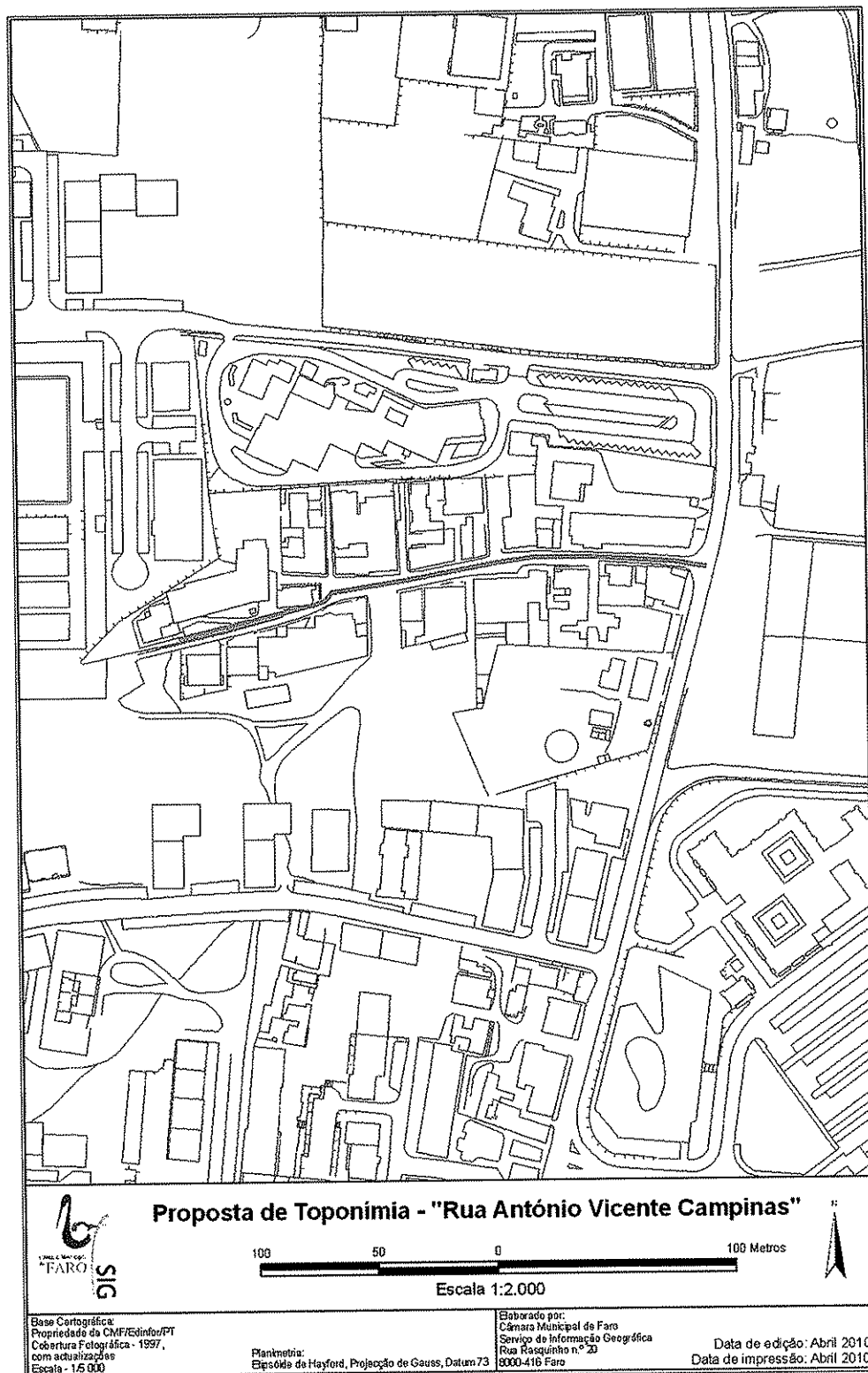
Exilou-se em Paris, de 1960 até 1974, onde foi redactor do «República» e do «Jornal do Algarve». Mantinha colaboração regular em revistas literárias nacionais e estrangeiras. Figura cimeira do neo-realismo português, foi autor de vastíssima obra traduzida em várias línguas, que percorre diversos géneros literários, desde a poesia ao romance, passando pelo conto, novela, diário, crónica e narrativa intimista.

A autarquia vilarealense atribuiu-lhe o nome a uma das novas artérias da cidade pombalina, sendo essa a derradeira homenagem prestada ao escritor.

A sua obra principal reparte-se pelos seguintes géneros literários: Poesia - Agualelas, 1937; Açucenas Bravas, 1938; Herança, 1944; A Ilha dos Sonhos Malditos, 1954; Lisboa, Outono, 1959; Proa ao Vento, 1966; Intranquilidade, 1966; Raiz da Serenidade, 1967; Catarina, 1967; Preia-Mar, 1969; Lanço de Alva, 1973; Salut Vietnam!, 1973; Fieldade, 1976; Antemanhã de Liberdade, 1977; Vigilância, Camaradas, 1981; Gritos da Fortaleza, 1981; Fronteira Carregada de Futuro, 1984; Ciladas de Amor e Raiva, 1987. Prosa - Fronteiriços, 1952 (ed. revista, 1986); Travessia, 1953; A Prova Real, 1960; Reencontro, 1971; Homens e Cães, 1979; Três Dias de Inferno, 1980; Putos ao

Deus-Dará, 1982; Rio Esperança, 1983; O Dia da Arvore Marcada, 1985; Mais Putos ao Deus-Dará, 1988; Segredo no Meio do Mar, 1989.

ul





Rua Agostinho Ferreira Chaves,

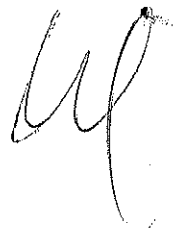
Nota Biográfica:

Farmacêutico e jornalista, nasceu Faro, em 1860, e faleceu no Rio de Janeiro (Brasil) em 1944.

Notabilizou na capital algarvia como farmacêutico, e proprietário da célebre “Farmácia Chaves”. Notabilizou-se pela invenção duma pasta dentífrica a que deu o nome de *Ossónoba* e ainda uma farinha de características fortificantes, destinada às crianças, denominada *Farinha Achocolatada de Chaves*.

A ele se ficou a dever a fundação da revista humorística intitulada «A Rir», que teve largo sucesso na cidade de Faro, cuja publicação interrompeu para viajar até ao Brasil de onde não mais voltou, aí permanecendo quase meio século no seio da família, que no Rio de Janeiro viria a constituir.



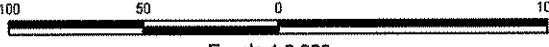
Morreu com 84 anos de idade, completamente esquecido pelos seus conterrâneos e certamente com o coração despedaçado pelas saudades.



Recentemente a fábrica da Vista Alegre editou em porcelana uma réplica fiel duma embalagem de pomada da Farmácia Ferreira Chaves de Faro, na qual surge o retrato daquele farmacêutico.



UP

		<h3>Proposta de Toponímia - "Praceta Agostinho Ferreira Chaves"</h3>		
		<p>Escala 1:2.000</p>		
<p>Base Cartográfica: Propriedade do CMF/Edinfor/PT Cobertura Fotográfica - 1997, com actualizações Escala - 1:5.000</p>		<p>Elaborado por: Câmara Municipal de Faro Serviço de Informação Geográfica Rua Rasquinho n.º 20 8000-416 Faro</p>		<p>Data de edição: Abril 2010 Data de impressão: Abril 2010</p>



Rua Luís Mascarenhas

Nota Biográfica:

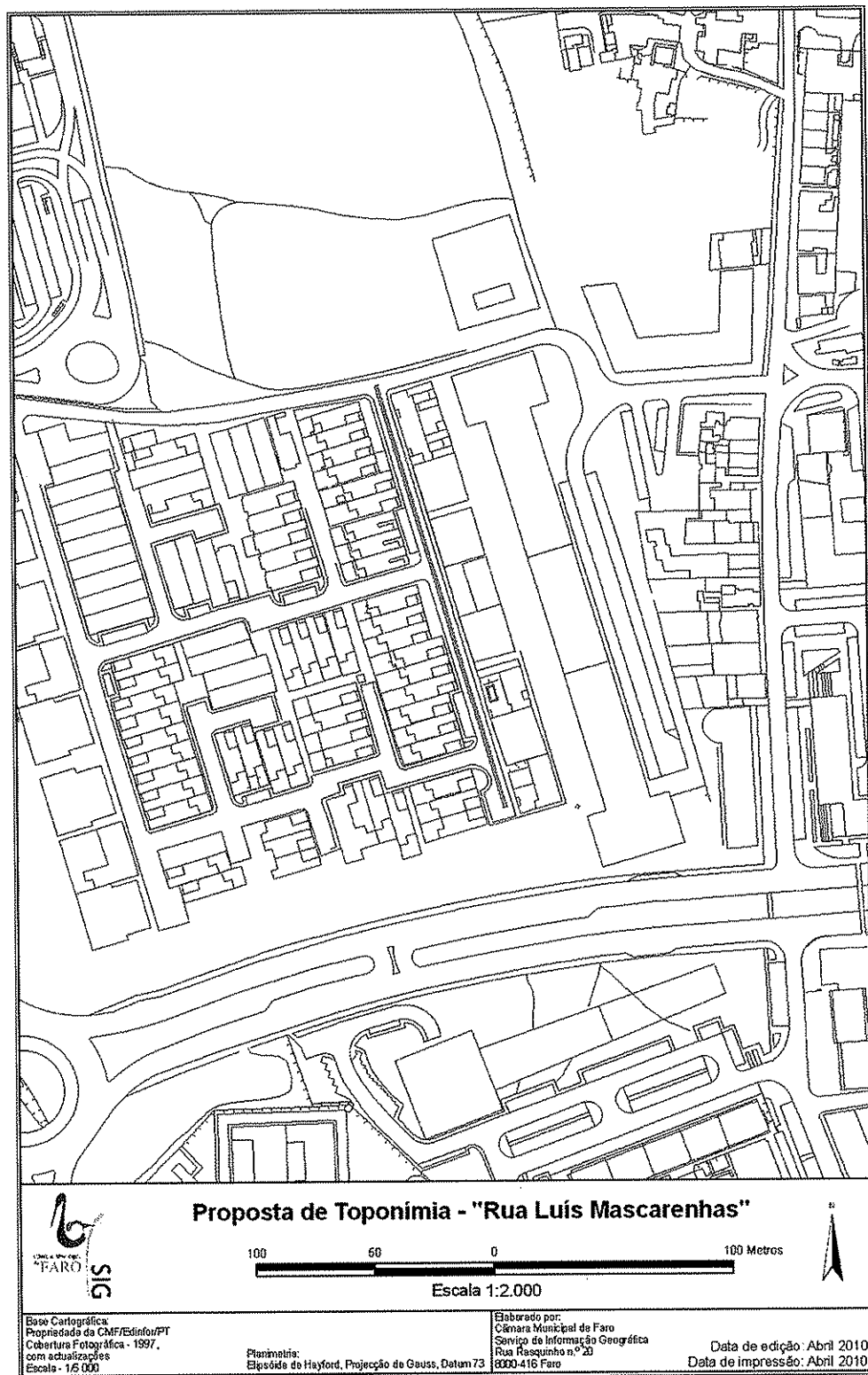
Professor liceal e jornalista, Luís Sepúlveda Pimentel Mascarenhas, nasceu em Portimão em 1847 e faleceu em Faro, em 1920.

Iniciou a vida jornalística em «O Correio do Meio Dia», periódico portimonense de inspiração progressista, do qual foi director e proprietário. Em 1880 fundou o semanário fareense «Progresso do Algarve», órgão oficial do Partido Progressista na região.

Em 1889 fundou em Faro o semanário «Progresso do Sul», e em 1891 um outro semanário de inspiração progressista intitulado «Algarve e Alentejo». Em 1908, fundou com Artur Águedo e José Ferreira da Silva o semanário fareense «O Algarve», isento de quaisquer responsabilidades político-partidárias. Em 1910, com o advento da República, assumiu a direcção de «O Algarve», semanário que ainda se publica, razão pela qual ostenta o glorioso epíteto de decano da imprensa algarvia.

No Liceu Nacional João de Deus, em Faro, exerceu as funções de professor de Matemática. Fundou em Faro a primeira fábrica de conservas situada junto aos muros do castelo no Largo de S. Francisco.

Figura marcante nos meios político-intelectuais do seu tempo, foi acima de tudo um brilhante orador e dedicado pedagogo.





Rua Ludovico Caetano de Menezes,

Nota Biográfica:

Médico, veterinário, jornalista e escritor, nasceu em 1860, na Índia Portuguesa, e faleceu em Lisboa em 1949.

Estudou primeiro agronomia mas acabaria por se formar em veterinária. Em 1889 veio para Faro como vice-intendente de pecuária no Algarve, aqui se fixando até Setembro de 1913. Neste período foi também professor do liceu de Faro. Transferiu-se depois para Lisboa onde desempenhou as funções de chefe de divisão dos Serviços Pecuários.

No Algarve, constituiu família e fixou residência durante 24 anos.

Fundou e dirigido, entre 1901 e 1902, em Faro, uma publicação fascicular, intitulada «Ferroadas».

Escreveu sobre o Algarve uma obra em três volumes, intitulada No País do Sol.

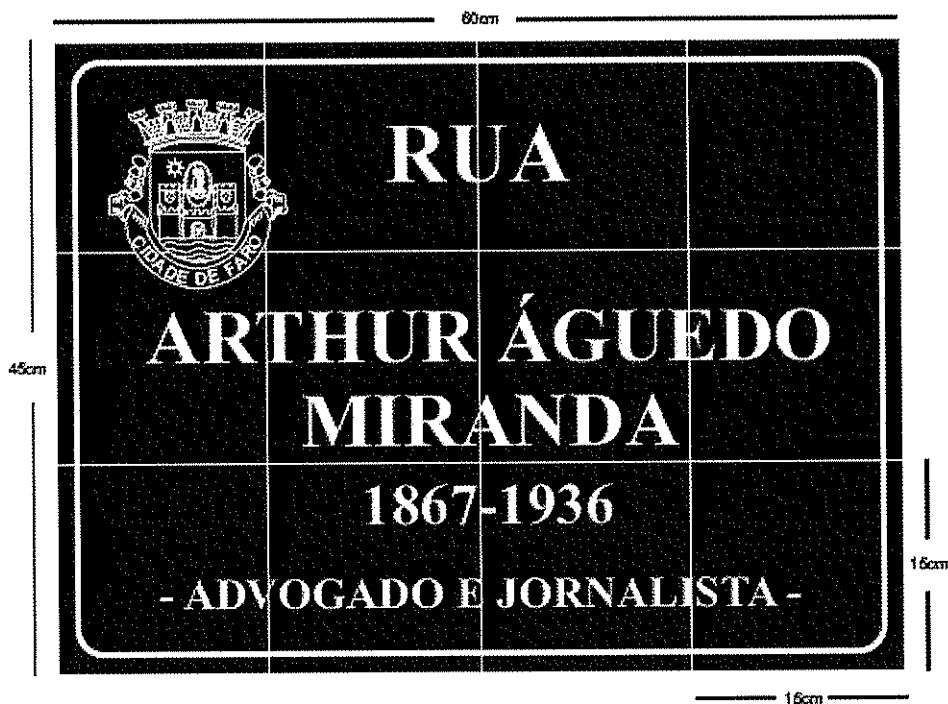
Em Lisboa arrefeceu a sua paixão pelo Algarve, dedicando-se ao estudo da obra de Camilo Castelo Branco.

A sua última contribuição científica dedicada ao Algarve ocorreu durante a IV Semana Pecuária realizada em Faro de 17 a 23 de Junho de 1933.

Da sua lista de obras fazem parte inúmeros trabalhos sobre zootecnia e silvicultura, pedagogia, literatura e história.

Ref





Rua Arthur Águedo Miranda,

Nota Biográfica:

Advogado, político e jornalista, nasceu em Albufeira, em 1867, e faleceu em Faro, em 1936.

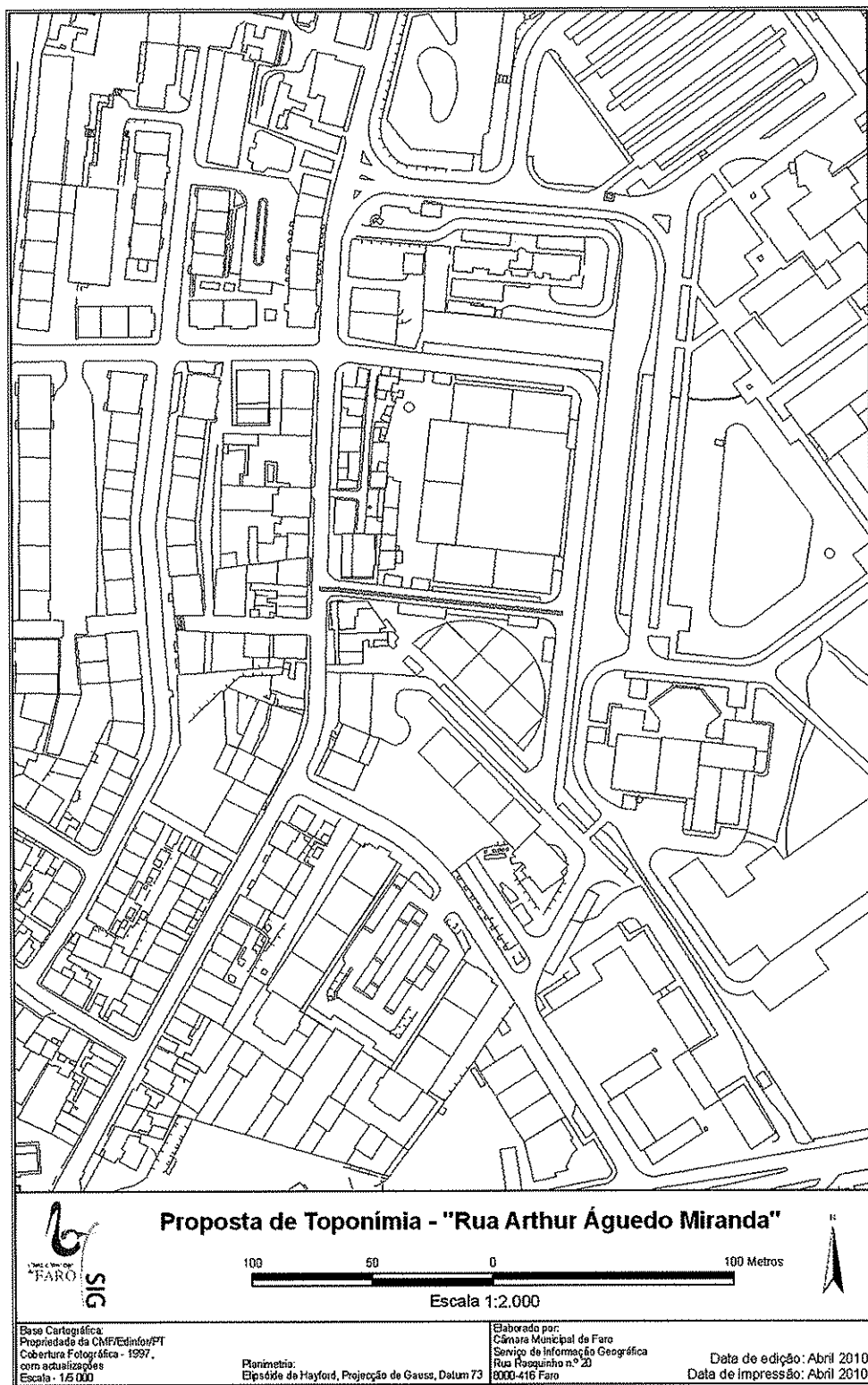
Formou-se em Direito na Universidade de Coimbra, radicando-se no Porto como redactor de «A Província», órgão do Partido Progressista na região norte.

No princípio do séc. XX veio para Faro, onde desempenhou diversas funções oficiais, nomeadamente de subdelegado do procurador régio, auditor administrativo e comissário de polícia.

Em 1908, juntamente com Ferreira da Silva e de Luís Sepúlveda Mascarenhas, funda e dirige o semanário independente «O Algarve», ao leme do qual se manteve até 1917, partindo então para desempenhar um lugar de magistrado judicial em África.

Regressou anos depois. Foi director do Cine Teatro Farense e do já desaparecido Teatro Circo, também dirigiu algumas companhias de pescarias e exerceu várias actividades associativas em instituições regionais de conceituado prestígio.

ul





Rua Mateus Moreno,

Nota Biográfica:

Militar, professor e jornalista, Mateus Martins Moreno Júnior, nasceu em 1892, em Faro e faleceu em Lisboa em 1970.

Estudante no Liceu de Faro, presidiu à respectiva Academia e fundou o órgão «A Mocidade». Estudante em Lisboa, fundou em 1914, a revista «Alma Nova» e publicou os seus primeiros livros, Prece ao Vento e Minha Pátria. Mobilizado para a I Grande Guerra, foi França que escreveu os livros: De Portugal à Flandres; Sangue d'Epopeia; A Sinfonia Macabra - Máximas da Kultur; e A Nova Guerra e a Artilharia.

Terminada a guerra, optou pela carreira das armas, atingindo em 1942 o posto de major na arma de Artilharia, no qual se reformou.

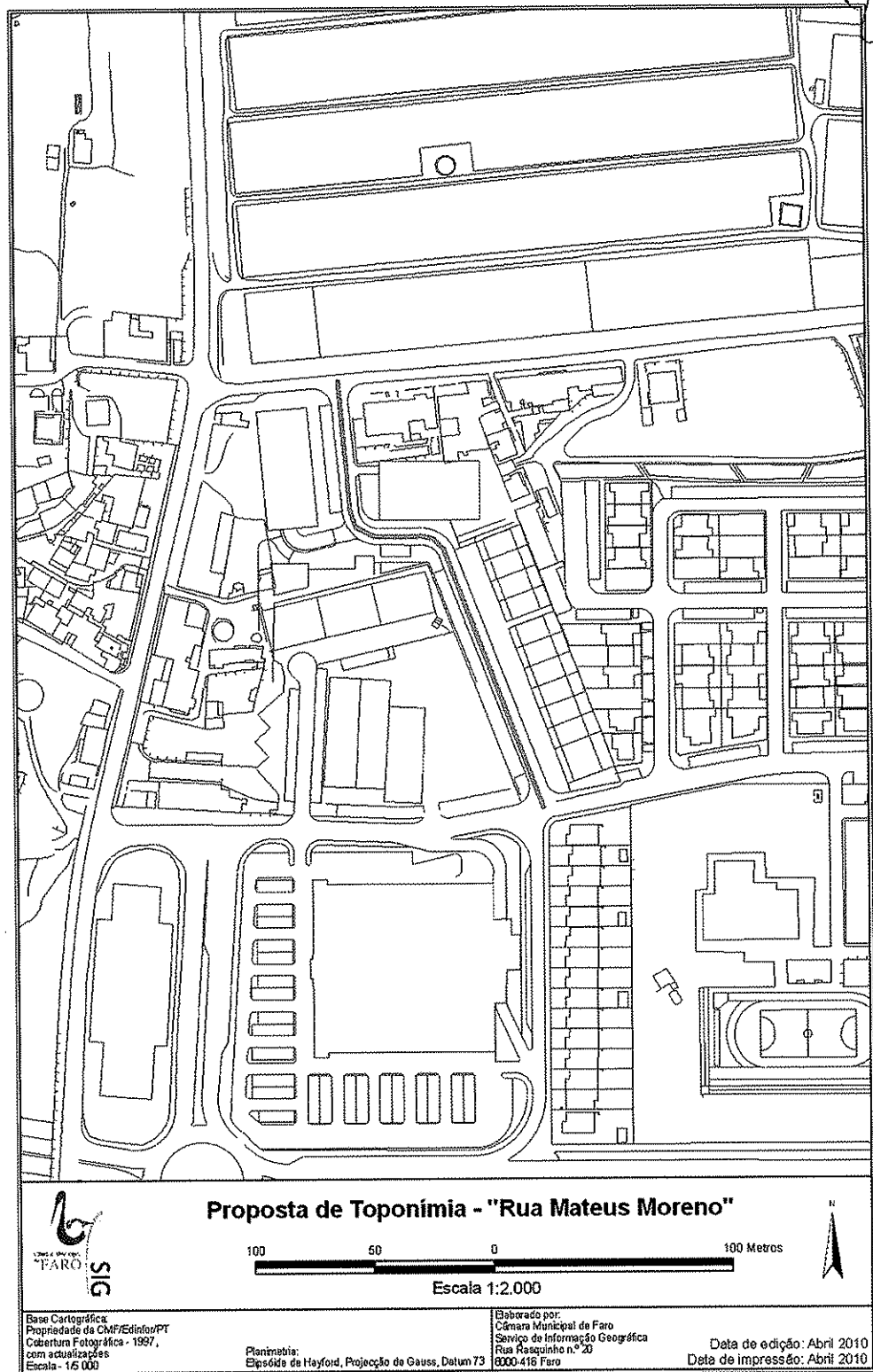
Em missões de serviço, esteve em Angola, onde comandou uma unidade e desempenhou várias funções.

Foi professor no Colégio Militar, e fundou a Casa do Algarve, a cujos corpos gerentes sempre pertenceu.

Colaborou assiduamente na imprensa algarvia, especialmente no «Correio do Sul».

Da sua lista de obras fazem parte dezenas de livros, sobre temas militares, colonialismo, etnografia, regionalismo e história do Algarve.

A sua viúva ofereceu, em 1972, à Câmara Municipal de Faro as condecorações que em vida distinguiram o seu marido, quer como militar quer como cidadão.





Handwritten signature or mark.

Rua Eduardo dos Santos Vieira,

Nota Biográfica:

Comerciante e jornalista, nasceu em Faro em 1897 e faleceu no Cacém, em 1964.

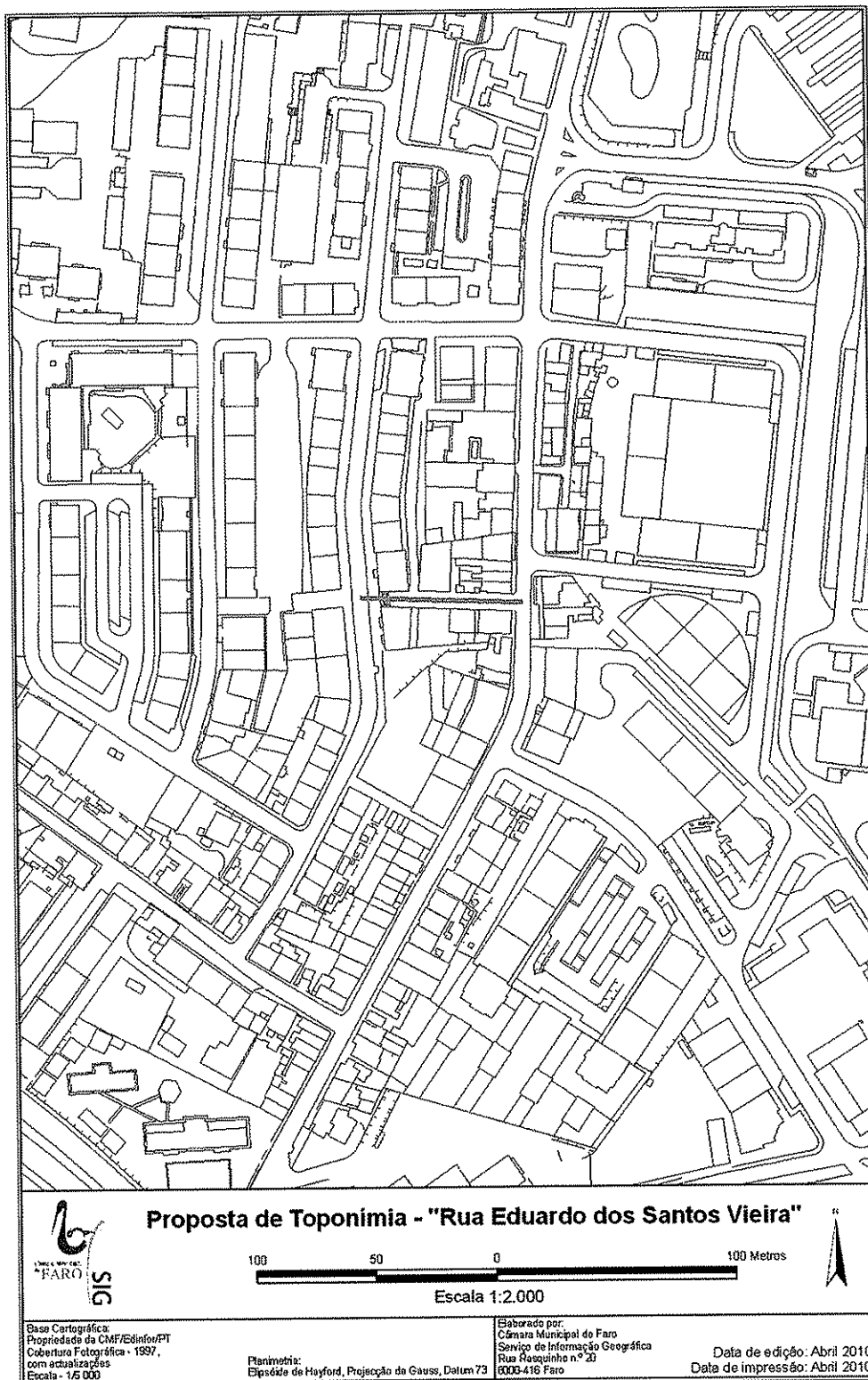
Desenvolveu em Faro múltiplas actividades comerciais, principalmente nos anos trinta do séc. XX na exportação e importação de produtos alimentares.

Foi um conceituado desportista e um jogador de futebol de grande habilidade; começou por defender as cores do Casa Pia de Lisboa, onde estudou com notório aproveitamento, jogando ao lado de alguns atletas de nomeada, como Cândido de Oliveira, Rosmaninho, etc.

Terminados os seus estudos, regressou a Faro aqui representando o Sporting Clube Farense. Fez parte dos corpos directivos da União de Football de Faro, criada em 1915 e integrou a selecção que a representou em dois desafios realizados em Setúbal. Aliás nesta cidade cumpriu o serviço militar, distinguindo-se igualmente como futebolista do Vitória Futebol Clube. Em 1923 teve a honra de arbitrar a final do Campeonato de Futebol, realizada em Faro, que pôs frente a frente as equipas do Sporting Clube de Portugal e da Associação Académica de Coimbra.

Interessou-se profundamente pelo jornalismo desportivo, foi o primeiro correspondente em Faro do semanário «Sport de Lisboa» e na capital algarvia fundou e dirigiu o hebdomadário local «Sul Desportivo».

ref





Rua João Franco Pereira de Matos,

Nota Biográfica:

Médico, político republicano e jornalista, nasceu em Faro em 1870, e aqui faleceu em 1943.

Estudou no Liceu de Faro, e licenciou-se em medicina. Foi médico municipal, subdelegado de Saúde e director da Casa de Saúde de Faro.

Em representação dos “franquistas” e do círculo eleitoral de Faro, foi o eleito deputado ao parlamento. Voltou a ser eleito deputado pelo Círculo do Algarve, e exerceu funções de Governador Civil do Distrito de Faro.

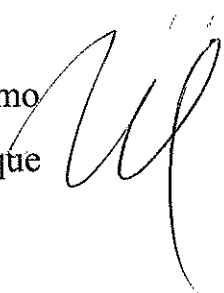
Fundou, dirigiu e financiou o semanário «O Sul», órgão político do partido regenerador no Algarve.

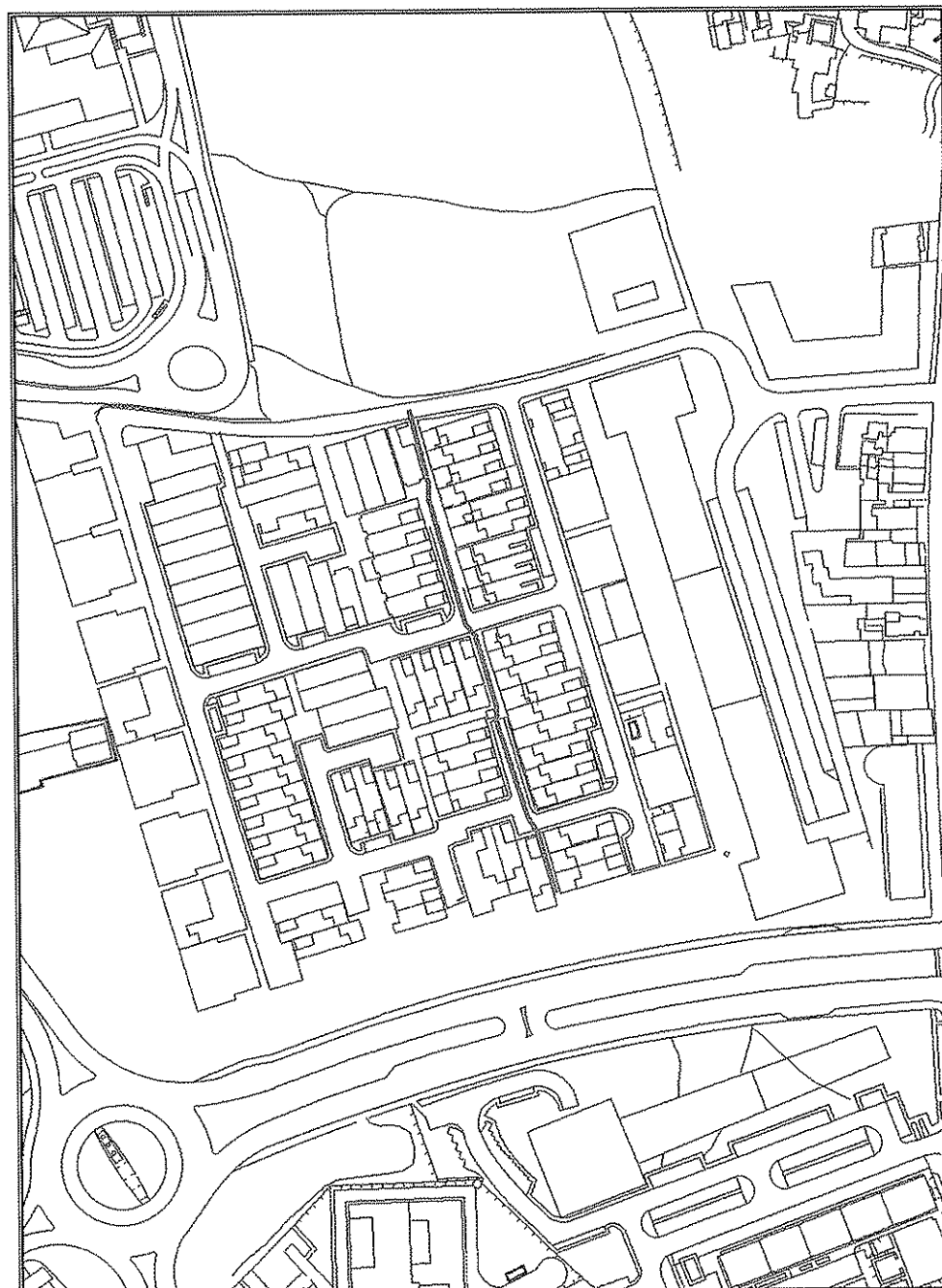
Abandonou a clínica para se dedicar aos negócios, à finança e, por fim, voltou ao jornalismo.

Fundou uma das mais acreditadas casas bancárias da praça de Faro, que financiou o incremento das pescas e as novas indústrias locais.

Foi eleito Presidente da Associação Comercial e Industrial de Faro.

Embora pertencesse à classe argentaria era considerado como o último dos nobres farenses, um verdadeiro cavalheiro, e um benemérito local, que a República e a partidocracia se encarregou de fazer desaparecer.

A handwritten signature in black ink, consisting of stylized, flowing letters, likely representing the author's name.



Proposta de Toponímia - "Rua João Franco Pereira de Matos"

100 50 0 100 Metros

Escala 1:2.000

Base Cartográfica:
Propriedade da CMF/Edinfor/PT
Cobertura Fotográfica - 1997,
com actualizações
Escala - 1:5 000

Planimetria:
Elipsóide de Hayford, Projecção de Gauss, Datum 73

Elaborado por:
Câmara Municipal de Faro
Serviço de Informação Geográfica
Rua Rasquinho n.º 20
8000-416 Faro

Data de edição: Abril 2010
Data de impressão: Abril 2010



Rua Dr. May Vianna,

Nota Biográfica:

Médico oftalmologista, Arthur Óscar May Figueira Vianna, de seu nome completo, nasceu em Lisboa a 23-04-1908 e faleceu em Faro a 14-01-1997.

Licenciou-se em Medicina e Cirurgia pela Faculdade de Medicina de Lisboa a 15 de Julho de 1932. Em Outubro do mesmo ano foi para Paris tirar a especialidade de Oftalmologia na Clínica Oftalmológica da Universidade de Paris – Hospital Hotel Dieu, terminando em Fevereiro de 1933. Seguiu em Março para Viena de Áustria, na II Clínica Oftalmológica Universitária sob a direcção do Professor Catedrático Dr. K. Linder Fego, aperfeiçoando a sua especialidade com novas técnicas. Em Fevereiro de 1934 foi nomeado para organizar o Serviço de Oftalmologia do Hospital da Misericórdia de Faro. Tendo vindo para esta cidade, dava consultas periódicas em Portimão, Vila Real de Santo António, Tavira, Silves e Olhão e a 17 de Abril do mesmo ano foi convidado pelo Ministro das Obras Públicas e Comunicações, Eng.º Duarte Pacheco, para Médico Inspector da Direcção Geral dos Caminho de Ferro.

Em 1938 foi nomeado Director Clínico do Hospital da Misericórdia de Faro, cargo que ocupou durante 30 anos, sendo o único oftalmologista no Algarve, percorrendo nos fins-de-semana todo o sotavento e barlavento algarvios. Foi ainda médico da GNR, CTT e PSP e ainda Director do Serviço de Luta Anti-Tracomatosa do Algarve, da Direcção Geral de saúde, onde obteve tantos êxitos que erradicou a doença do Tracomatoso. Sempre adorado pelos seus doentes, não só pela sua boa formação, como pela sua dedicação e carinho. Foi homenageado pela PSP, pelos Bombeiros Municipais de Faro, pelo Rotary Clube de Faro e pela Câmara Municipal de Faro. A sua intensa vida profissional não o impediu ainda de se ter distinguido noutras áreas, como na música, sua paixão predilecta, tendo composto várias obras, entre elas a ópera "Rosas de Santa Maria", cujo libreto foi da autoria do poeta Cândido Guerreiro, seu grande amigo.

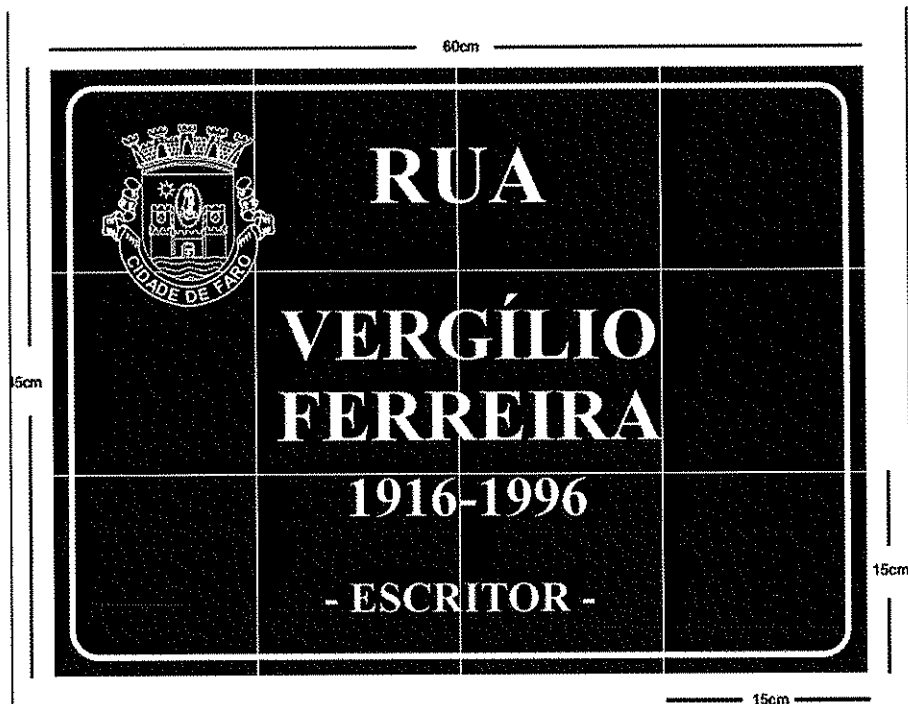
Católico convicto, pertenceu à Ordem III de S. Francisco, onde ocupou o lugar de Ministro durante vários anos.

Toda a sua vida ajudou os pobres e socorreu os aflitos. Fez da Medicina apostolado e a poucos eram cobrados os seus honorários. Muitas das vezes, era quem custeava as deslocações de táxi dos seus doentes.

Manteve-se em plena actividade muito para além da sua reforma, tendo exercido a sua profissão até aos 84 anos de idade, cessando esta por doença grave de que foi acometido, vindo a falecer no Hospital Distrital de Faro a 14 de Janeiro de 1997.

Em Albufeira, foi-lhe atribuída uma rua, em 2006, perto do Centro de Saúde, a qual nasce a Poente da Rua Amato Lusitano e culmina a Norte na Rua Albert Einstein.





Rua Vergílio Ferreira,

Nota Biográfica:

O escritor Vergílio António Ferreira, de seu nome completo, nasceu na aldeia de Melo a 28-01-1916 e faleceu em Lisboa a 01-03-1996. Era filho de António Augusto Ferreira e de Josefa Ferreira, oriundos de modestas famílias rurais, cujas dificuldades de sobrevivência os levaram a emigrar, em 1920 para os Estados Unidos, deixando os filhos ao cuidado das tias maternas. Aos 10 anos entra no seminário do Fundão, que frequentará até aos dezasseis anos. Dessa experiência vivencial nascerá o enredo do seu romance *Manhã Submersa*, considerado como uma das obras-primas da literatura portuguesa do séc. XX.

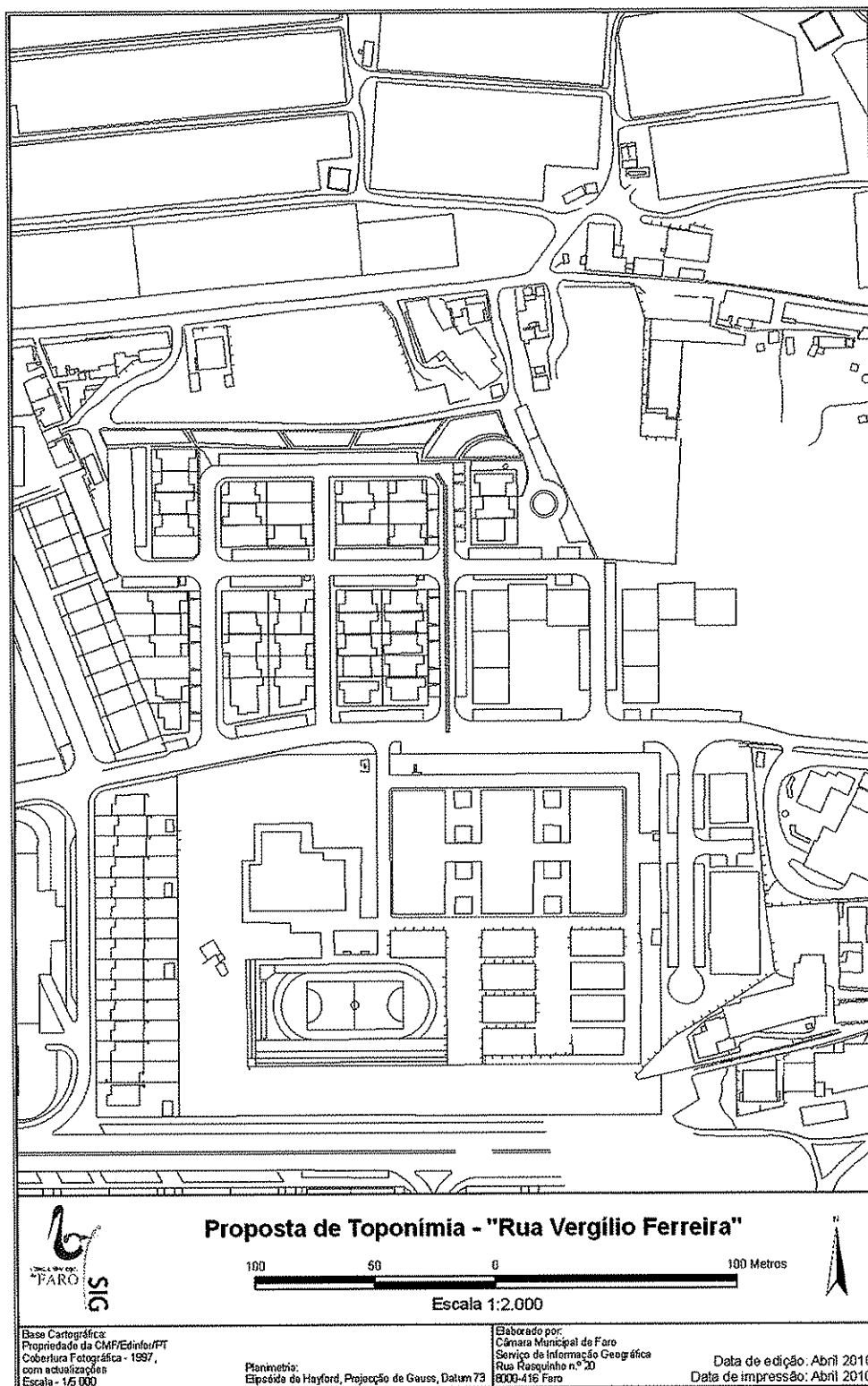
Em 1932, deixa o seminário para concluir os estudos no Liceu da Guarda, após o que ingressa na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde se licenciou em Filologia Clássica em 1940. Mas em 1939, publicou o seu primeiro romance, *O Caminho Fica Longe*, que passou despercebido à crítica da especialidade. Fez o seu estágio profissional em 1942, no Liceu D. João III, em Coimbra, de onde saiu no ano seguinte para o Liceu Nacional de Faro, onde se manteve até 1944. Publicou ainda em Faro o ensaio «Teria Camões lido Platão?», assim como o brilhante estudo «Sobre o

Humorismo de Eça de Queirós». Foi aqui que conheceu a sua futura esposa, também professora, com a qual se transferiu, em 1944, para o Liceu de Bragança. A partir de 1953, com a publicação do romance *Manhã Submersa*, torna-se então no escritor de grande prestígio nacional e até internacional, nomeadamente pelo facto de ter sido um dos primeiros introdutores na nossa literatura do Existencialismo, não só como escola filosófica, mas também como movimento cultural, que atravessou toda a Europa dos anos sessenta do século XX.

Vergílio Ferreira morreu em Lisboa, a 1 de Março de 1996, ficando sepultado na sua aldeia natal de Melo.

A sua vastíssima obra reparte-se pelo género da Ficção, do Ensaio e do Diário. Assim, no âmbito da Ficção (conto, novela e romance) publicou: em 1943 *O Caminho fica Longe*; 1944 *Onde Tudo foi Morrendo*; 1946 *Vagão "J"*; 1949 *Mudança*; 1953 *A Face Sangrenta*; 1953 *Manhã Submersa*; 1959 *Aparição*; 1960 *Cântico Final*; 1962 *Estrela Polar*; 1963 *Apelo da Noite*; 1965 *Alegria Breve*; 1971 *Nítido Nulo*; 1972 *Apenas Homens*; 1974 *Rápida, a Sombra*; 1976 *Contos*; 1979 *Signo Sinal*; 1983 *Para Sempre*; 1986 *Uma Esplanada Sobre o Mar*; 1987 *Até ao Fim*; 1990 *Em Nome da Terra*; 1993 *Na Tua Face*; 1996 *Cartas a Sandra*; 1976 *A Palavra Mágica* (publicada em separado, no entanto faz parte do livro *Contos*). No âmbito do ENSAIO publicou: 1943 *Sobre o Humorismo de Eça de Queirós*; 1957 *Do Mundo Original*; 1958 *Carta ao Futuro*; 1963 *Da Fenomenologia a Sartre*; 1963 *Interrogação ao Destino*, Malraux; 1965 *Espaço do Invisível I*; 1969 *Invocação ao Meu Corpo*; 1976 *Espaço do Invisível II*; 1977 *Espaço do Invisível III*; 1981 *Um Escritor Apresenta-se*; 1987 *Espaço do Invisível IV*; 1988 *Arte Tempo*. No género DIÁRIO, publicou entre 1980 e 1987 cinco volumes da obra *Conta-Corrente*; em 1997 publicou o diário *Pensar*, e em 1993 retomou a *Conta-Corrente*, numa “nova série”, em que publicou quatro volumes entre 1993 e 1994.

Handwritten signature





Rua D. Paio Peres Correia

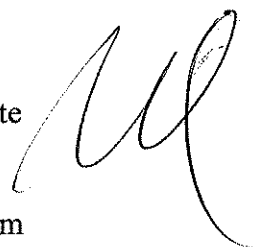
Nota Biográfica:

Pensa-se que terá nascido no ano de 1205, em Monte de Fralães, no concelho de Barcelos, lugar onde se situava o solar dos Peres Correia. As Inquirições Régias dão conhecimento da existência dos seus irmãos, de uma irmã e de vários parentes noutras freguesias daquela cidade.

No reinado de D. Sancho II, sabemos que D. Paio Peres Correio estava em Alcácer do Sal, e que a partir de 1228 vai tomar parte activa nas campanhas militares sobre o Alentejo árabe, conquistando as vilas e cidades de Aljustrel, Alvalade, Juromenha, Beja e Mértola. Pouco depois, reúne um exército de monges espatários que irão assolar de forma metódica e persistente as aldeias sarracenas do Alentejo até ao Algarve, conquistando os castelos de Estombar e Alvor, que trocou (escambou) por Cacela para colaborar mais de perto na conquista de Aiamonte. Posteriormente irá conquistar Alcoutim, Vaqueiros e Tavira, a qual, segundo a *Crónica da Conquista do Algarve*, foi conquistada aos mouros, em Junho de 1239, em represália pela morte de sete dos seus melhores cavaleiros.

A partir de 1242, torna-se Grão-Mestre da Cavalaria de S. Tiago, título que lhe foi atribuído com toda a pompa e circunstância na cidade de Mérida. A partir de então passou a estar ao serviço de Fernando III, rei de Leão e Castela, a quem sucedeu o filho,

Afonso X, também designado por «Rei-Sábio», passando a viver permanentemente Castela.

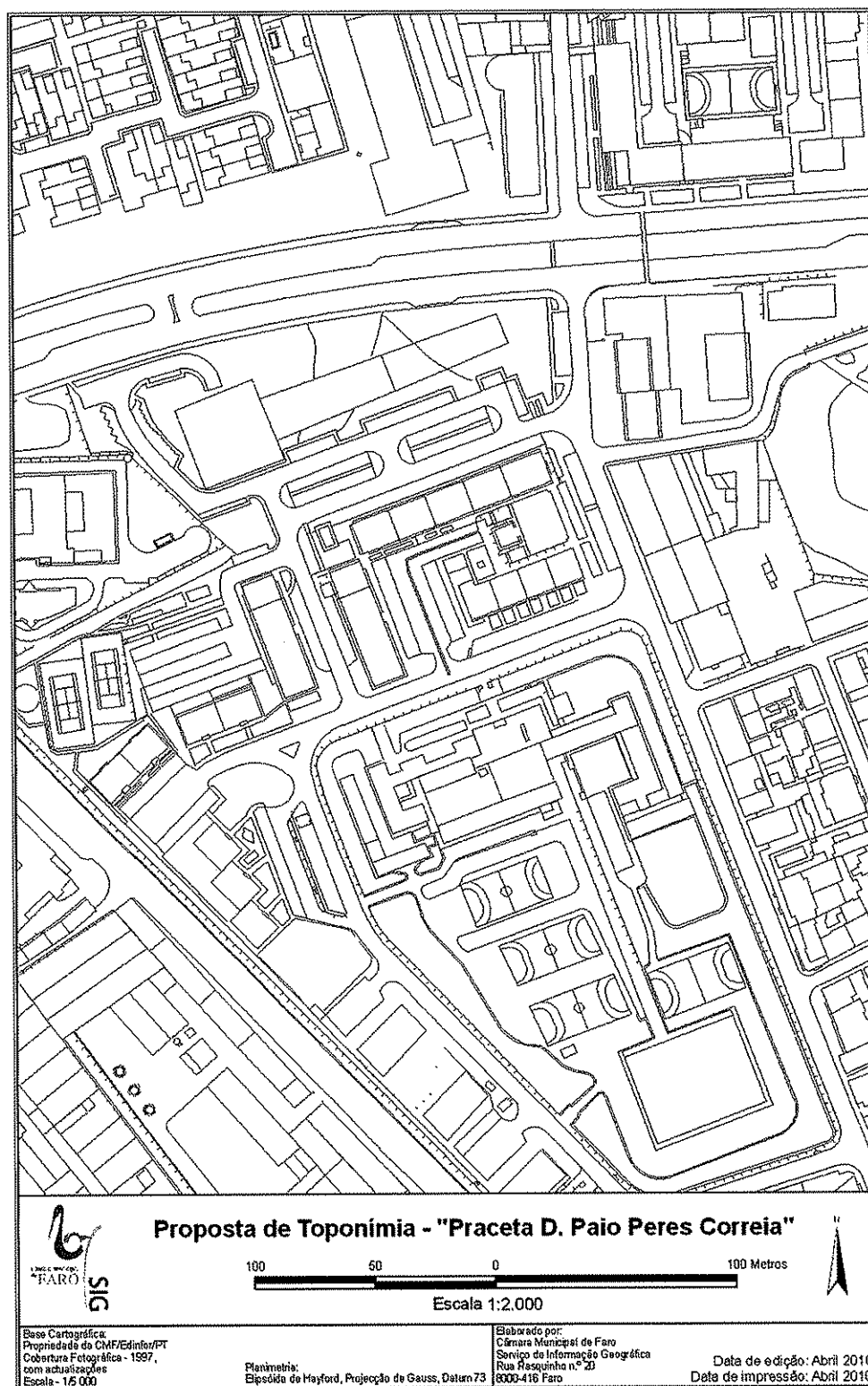


Voltaria mais tarde ao Algarve, já no reinado de D. Afonso III, para estabelecer um cerco à cidade de Faro e conquistar os castelos que ainda permaneciam sobre o domínio árabe. A cidade de Faro foi tomada por acordo militar, cabendo a D. Afonso III as honras de estabelecer esse assentimento político sem recurso ao derramamento de sangue. Segundo se refere na *Crónica Geral de Espanha de 1344*, D. Paio Peres Correia teve uma acção de grande preponderância político-militar na tomada de Sevilha.

A título de curiosidade se acrescenta que D. Paio Peres Correia viveu durante algum tempo no Seixal, onde terá fundado a Aldeia de Paio Pires.

Faleceu em 1275, em Espanha, na localidade de Talavera de la Reina, tendo sido levados os seus restos mortais no século XVI para o mosteiro de Tentúdia. Está absolutamente errada a notícia de que os seus ossos se encontram depositados na Igreja de Santa Maria do Castelo, em Tavira.

up





Rua António Henrique Balté,

Nota Biográfica:

Médico e poeta, nasceu em 1906 em Tavira e faleceu em Lisboa em 1992.

Formou-se em Medicina, especializando-se em cirurgia e ginecologia.

Iniciou a sua carreira profissional no Algarve, em Lagos, como médico municipal, passando depois para Faro por ter sido nomeado médico efectivo da Federação das Caixas de Previdência.

Foi médico na Direcção-Geral dos Cuidados de Saúde Primária e da Caixa do Distrito de Faro. Por falta de cirurgiões acumulou as funções de chefe dos serviços de cirurgia do Hospital de Vila Real de Santo António.

Foi também Inspector Médico da Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família, passando em 1973 a exercer funções de consultor médico daquela Federação, que acumulava como médico substituto de ginecologia e obstetrícia do Posto n.º 42, no qual aliás se aposentou.

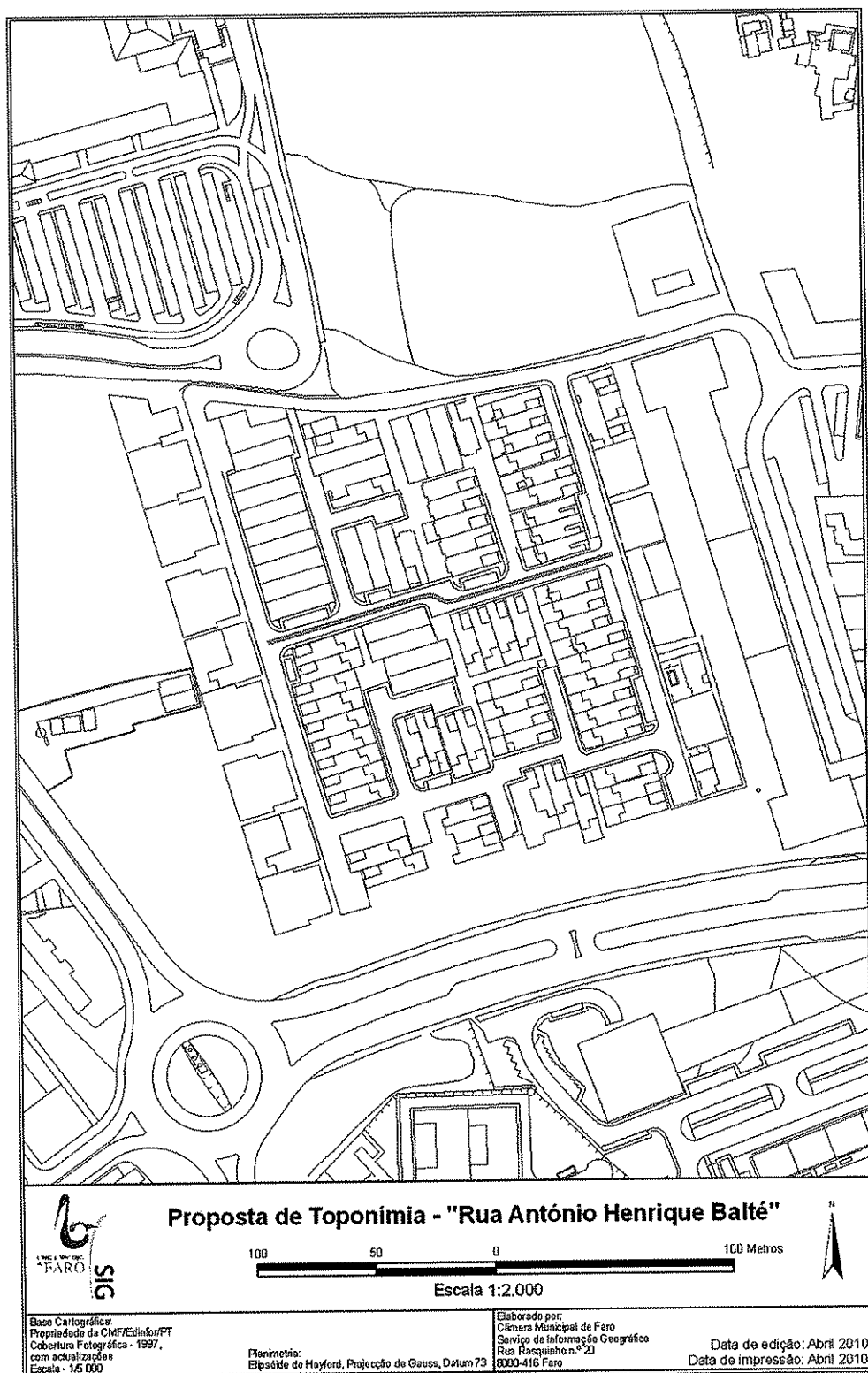
Ao longo da sua carreira médica foi distinguido com vários louvores públicos e deixou publicados nas revistas da sua especialidade alguns artigos científicos.

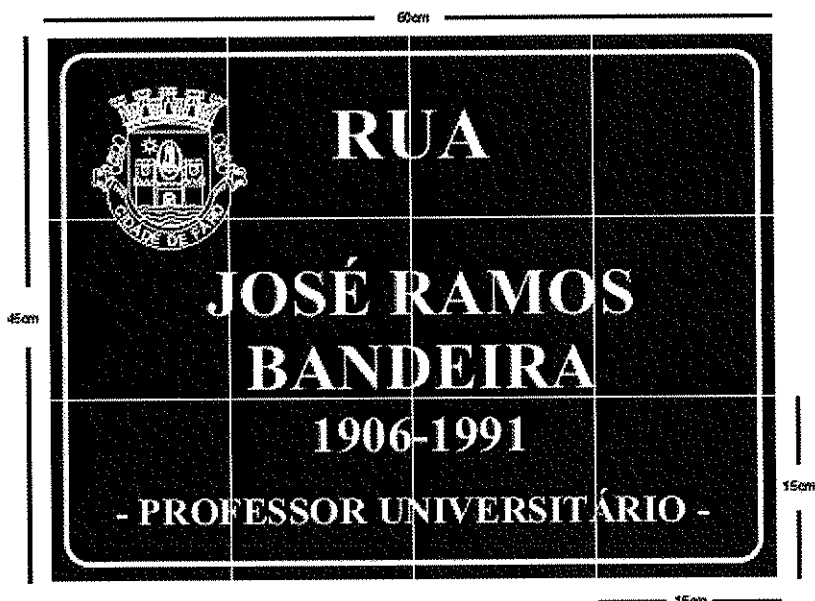
Teve uma faceta de conferencista, participando em iniciativas literárias no Círculo Cultural de Faro, ao lado de Joaquim Magalhães, Emílio Campos Coroa, Elviro da Rocha Gomes, e outros. Foi grande apreciador e estudioso da música, à semelhança dos seus colegas May Vianna e Jorge Correia, então presidente da edilidade taviense.

Ao abrigo dos programas de divulgação médica, subsidiados pela NATO e por vezes em representação do governo português, esteve em várias reuniões internacionais na América e na Europa.

Como algarvio que se orgulhava de ser, ainda jovem sentiu o apelo das musas que o levaram a expor-se primeiro nas colunas dos jornais algarvios, e depois nos livros: *Rapsódia em Rimas Desusadas*, Faro, 1958; *Ritmos*, Lisboa, 1980 e *Ser Poeta*, Lisboa, 1987.

Handwritten signature





Rua José Ramos Bandeira,

Nota Biográfica:

Professor universitário, investigador e cientista, nasceu em 1906, em Faro, e faleceu em Coimbra em 1991.

Estudou no Liceu de Faro, e na Universidade de Coimbra, onde se licenciou em Farmácia, e seis anos depois em Química. Foi logo convidado para Assistente até chegar a Professor Extraordinário da então Escola de Farmácia da Universidade de Coimbra.

Em 1963 foi nomeado Director da Faculdade de Farmácia, jubilando-se, como professor Universidade de Coimbra, em 1975.

Participou, entre outros, no I Congresso Nacional de Farmácia reunido em Lisboa, no Congresso Luso-Espanhol, realizado no Porto, e no Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, efectuado em Évora.

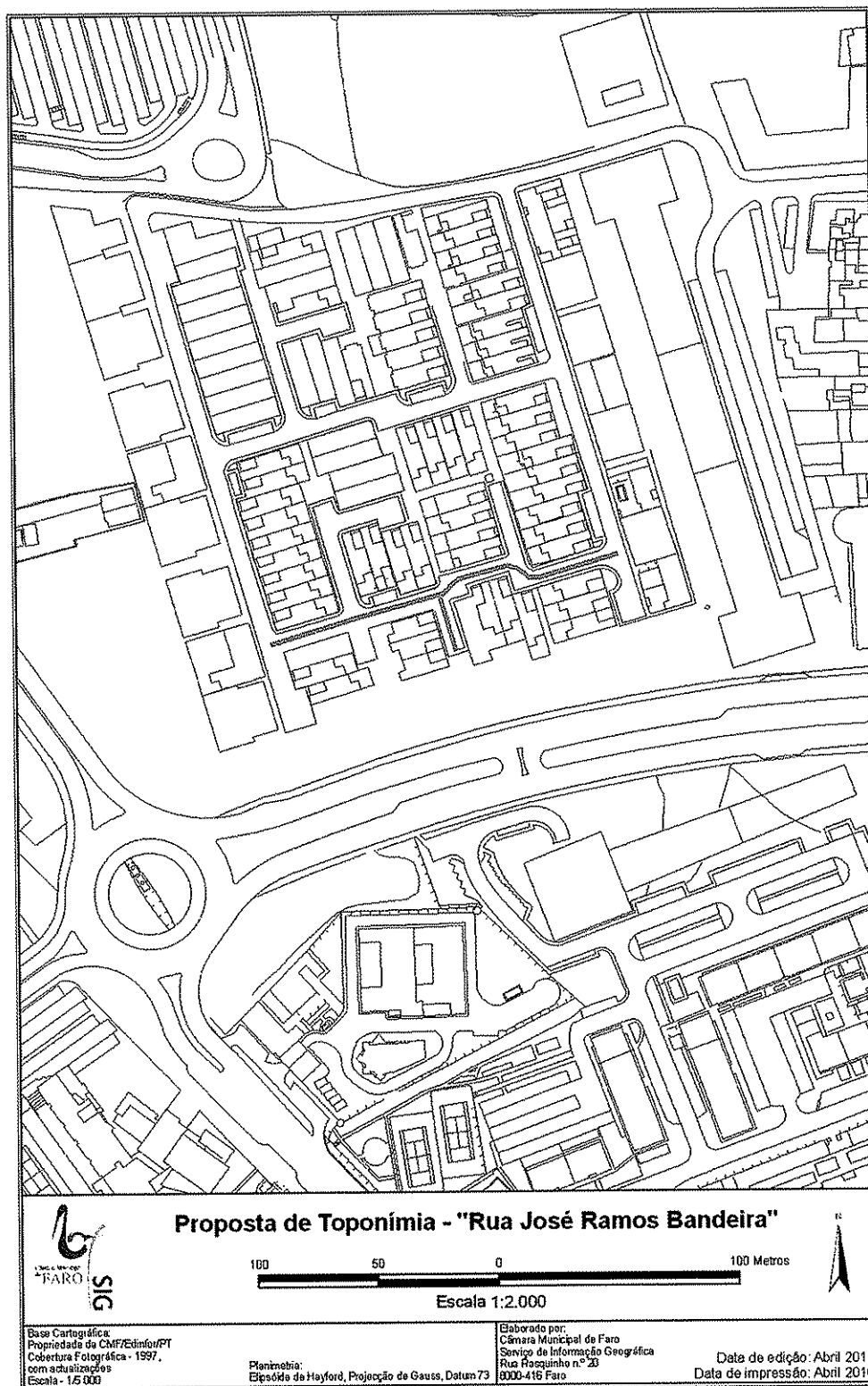
No âmbito da sua especialidade científica, foi entre 1934 e 1941, editor e redactor da revista «Notícias Farmacêuticas», cargos esses que também desempenhou, de 1940 a 1941, no «Boletim da Escola de Farmácia da Universidade de Coimbra». Também colaborou em diversas revistas científicas.

Pronunciou dezenas de conferências, comunicações em Congressos e realizou trabalhos laboratoriais de extensão universitária, desenvolvendo uma intensa actividade científica. Pertenceu que à Academia Nacional de Farmácia do Brasil e à Sociedade Farmacêutica Lusitana. Foi também agraciado com uma comenda «Ordine al Merito», atribuída pela República de Itália, pelos seus trabalhos de investigação farmacêutica.

Entre a sua notável bibliografia científica destacamos apenas:

A Farmácia e o Império Português, 1943; *Ensino de Farmácia em Espanha*, 1944; *A Farmácia Portuguesa no Pós-Guerra*, 1946; *Guerra Biológica*, 1954; *Novos Rumos da Farmácia Portuguesa*, 1961; *Alguns Problemas da Farmácia Portuguesa*, 1966; *Universidade, Investigação e Medicamentos*, 1968; *O Ensino e a Indústria Farmacêutica*, 1969; *The Teaching of Pharmaceutical Sciences in Portugal*, 1972; *Bosquejo Histórico do Ensino de Farmácia em Portugal*, 1973; etc...

Handwritten signature or initials.





Rua Bartolomeu Salazar Moscoso,

Nota Biográfica:

Professor, poeta e jornalista, nasceu em 1856, na cidade de Lagos, e faleceu em Santarém, em 1933.

Em Lisboa fez o Curso Superior de Letras, durante o qual fundou um jornal estudantil intitulado «O Académico».

Participou activamente em comícios republicanos por todo o país. Fez parte da comissão executiva do Centenário Pombalino e do Centenário de Camões, filiando-se então no Partido Republicano de que foi membro fundador.

Voltou para o Algarve, onde exerceu os cargos de administrador do concelho de Olhão e de procurador por Vila do Bispo à Junta Geral do Distrito.

Como jornalista foi redactor do «Noticias do Algarve», director da «Folha Democrática» e redactor do semanário «Pró-Lagos» que se

publicaram todos em Lagos, desde 1883 até 1894. Aí fundou o primeiro centro republicano do Algarve.

Foi professor do Liceu Nacional de Faro, um genial poeta e orador público.

Voltou para Lisboa onde foi redactor efectivo de vários jornais. Por fim partiu para Santarém, onde foi ajudante da Conservatória do Registo Predial e professor da Escola Primária Superior.

Morreu praticamente na indigência.

uf





Rua João Franco Pereira de Matos,

Nota Biográfica:

Médico, político republicano e jornalista, nasceu em Faro em 1870, e aqui faleceu em 1943.

Estudou no Liceu de Faro, e licenciou-se em medicina. Foi médico municipal, subdelegado de Saúde e director da Casa de Saúde de Faro.

Em representação dos “franquistas” e do círculo eleitoral de Faro, foi o eleito deputado ao parlamento. Voltou a ser eleito deputado pelo Círculo do Algarve, e exerceu funções de Governador Civil do Distrito de Faro.

Fundou, dirigiu e financiou o semanário «O Sul», órgão político do partido regenerador no Algarve.

Abandonou a clínica para se dedicar aos negócios, à finança e, por fim, voltou ao jornalismo.

Fundou uma das mais acreditadas casas bancárias da praça de Faro, que financiou o incremento das pescas e as novas indústrias locais.

Foi eleito Presidente da Associação Comercial e Industrial de Faro.

Embora pertencesse à classe argentaria era considerado como o último dos nobres farenses, um verdadeiro cavalheiro, e um benemérito local, que a República e a partidocracia se encarregou de fazer desaparecer.

ul

